

A Geomorfologia Geográfica: algumas contribuições do estudo de Aziz Nacib Ab' Sáber para Geomorfologia Geográfica no Brasil.

Filipe Borba de Moura (IC)*

Danilo Ferreira Cardoso (PG)

Graduando em Licenciatura Plena em Geografia Pela Universidade Estadual de Goiás (UEG) Campus Itapuranga. Email: filipeborbahti@gmail.com

Graduado em Geografia pela Universidade Estadual de Goiás (UEG- Itapuranga), Mestre em Geografia pela Universidade Federal de Goiás (IESA - UFG), Doutorando em Geografia pela Universidade Estadual de Campinas (IGE - UNICAMP), Professor do Curso de Geografia (UEG).

Resumo: O presente trabalho¹ consiste em estudo de cunho epistemológico na ciência geográfica, com ênfase na geografia física e na geomorfologia geográfica. A geografia física apresenta alguns ramos dentre eles se destaca a geomorfologia. É o que se busca nesse trabalho é compreender as contribuições de Aziz Nacib Ab' Sáber para o estudo do relevo no Brasil. O objetivo do trabalho é compreender as contribuições de Aziz Nacib Ab' Sáber para o estudo do relevo no Brasil. Como passo metodológico foi realizado uma pesquisa bibliográfica, fazendo uma releitura de sua tese de doutoramento e obras que abordam as influências filosóficas na produção do conhecimento científico e os aspectos teórico-metodológicos na Geografia Física. Destarte, pretendemos chegar a melhor compreensão sobre as contribuições de Ab' Sáber para a geomorfologia geográfica.

Palavras-chave: Geografia Física. Aziz Nacib Ab' Sáber. Geomorfologia.

Introdução

A geomorfologia geográfica é contemporânea ao período da institucionalização da Geografia enquanto ciência na Alemanha no final do século XVIII e início do século XIX (ABREU, 2003). Portanto, a sua história nos possibilita pensar e refletir como esta ciência se desenvolve a partir de olhares e observação em campo, percebendo as diferentes formas, estruturas a partir de uma natureza que é complexa e dinâmica.

A geomorfologia teve início por profundos debates filosóficos pela influência de Goethe e Humboldt, que eram naturalistas, e a geomorfologia se

¹ Este trabalho é um resultado parcial do projeto de pesquisa intitulado "Fundamentos Epistemológicos da Geografia Física" e também do trabalho de conclusão de curso do Acadêmico.

desenvolveu como ramo de duas ciências, geografia e geologia a partir de duas linhas epistemológicas a Anglo-americano e a Germânica, essas duas linhas desenvolveram teorias geomorfológicas. A Anglo-americano partiu por William Morris Davis (1899) e a germânica por um conjunto de pesquisadores, em principal Walther Penck (1924) que foi principal opositor a Davis.

No Brasil, a geomorfologia se desenvolveu a partir da institucionalização das universidades em principal com a criação da Universidade de São Paulo (USP) em 1930, e com a vinda de pesquisadores franceses a convite do então criado Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a teoria de Davis teve uma grande influência no Brasil até cerca de 1950.

Com a criação da USP ocorre a formação de grandes geógrafos, e ocorre o surgimento de uma Teoria de pediplanação, e um desses grandes estudiosos brasileiros e Aziz Nacib Ab' Sáber, que vem de uma linhagem Alemã e se firmou como um grande geomorfológo com a tese de seu doutorado em 1957, *Geomorfologia do Sítio Urbano de São Paulo*², que acontece uma reconstrução interpretativa sobre o relevo, sob orientação do professor Aroldo de Azevedo. Portanto, o olhar desta pesquisa é de ressaltar algumas contribuições dos estudos de Ab' Sáber e os processos que influenciaram suas concepções teóricas, metodológicas na produção do conhecimento da geomorfologia geográfica.

Material e Métodos

A metodologia de trabalho se restringe a pesquisa bibliográfica, que abordam as influências filosóficas na produção do conhecimento científico e os aspectos teórico-metodológicos na Geografia Física e na geomorfologia; O Trabalho e pautado nos trabalhos de Aziz Ab'Sáber; como foco principal sua tese de doutorado "Geomorfologia do sítio urbano de São Paulo". Que foi analisado a partir das concepções teóricas e metodológicas para compreender as contribuições para geomorfologia geográfica brasileira.

² AB' SÁBER, A. N. Geomorfologia do sítio urbano de São Paulo. 1956. 231f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1956. [Replicado no Boletim da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, São Paulo, n. 219, 1957. (Geografia, 12).]

Resultados e Discussão

Aziz Ab' Sáber sempre teve uma curiosidade a mais sobre a paisagem, desde a época que ainda era criança e morava em São Luiz do Paraitinga em São Paulo. Quando ainda criança estudava no ginásio, uma parte em Taubaté e a outra em Caçapava, começou a conhecer recém-professores formados na USP em 1938, que tinham estudado na faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP (Universidade de São Paulo) que surgiu em 1934, e ele começou a se interessar, a fazer um curso na então recém-faculdade de São Paulo (AB'SÁBER, 2007).

Logo em seu primeiro dia de aula, conheceu o professor Pierre Monbeig, que era Francês, e já tinha deixado certas observações a respeito do início das aulas, e que já haveria uma excursão de campo que iria até um ponto de Jundiaí. Logo no início já começaram a estudar as diferentes formas existentes de relevo no estado de São Paulo. O então aluno, já começou mesmo dentro do ônibus observar a paisagem e as diferentes formas de relevo, em uma visão mais crítica que o restante da turma (AB'SÁBER, 2007).

Nos seus estudos Ab' Sáber logo de início já começou deixando de lado as observações simplistas de grandes obras, que eram feitas pelos jovens professores que se formaram na USP, e buscava sempre recorrer à biblioteca até mesmos em finais de semana, e tinha uma grande admiração por Pierre Monbeig, que foi seu primeiro professor e uma de suas principais influências para desenvolver suas ideias e teorias, porque tinha outra perspectiva metodológica, a qual era o entendimento do natural e social, e também procurava entender não só a formação atual do objeto, mas sim sua formação histórica para poder chegar ao atual, e isso só consolidava sempre com um trabalho de campo fazendo os estudos da paisagem a partir de sua totalidade.

Nos primeiros estudos na USP e de Ab'Sáber, era forte a influência da teoria de Davis (1899), e a ideia de maturidade era muito bem aceita. Aconteceram ligados a uma leitura secundária da linhagem epistemológica Anglo-Americana, a qual era a teoria de William Morris Davis (1899) sua grande obra o "Ciclo Geográfico da Erosão", Davis, dava valor ao tempo e desconsiderava os processos, assim, acontecia o soerguimento das massas e com a finalização desse processo começava a denudação das massas soerguidas, tudo de forma individual. Assim, o

processo de formação acontecia de cima para baixo, a denudação se iniciava logo após o termino do levantamento das massas (CASSETI, 2005).

Assim é que se Davis havia valorizado o tempo, a tônica passará a ser dada ao espaço; se Davis era encarado como responsável por uma postura subjetiva e verbalista, fruto de uma concepção bergsoniana dedutivista, passar-se-á a valorizar fatos encarados como objetivos, estudados através da quantificação; se se julgava que Davis havia desconsiderado os processos, valorizar-se-ão agora as relações que exprimam esses processos, e assim por diante (ABREU, 2003, p. 55).

Quando ocorreu o congresso de Chicago na década de 1940, que tratava sobre as obras de Walther Penck (1924), ocasionou a criação de uma nova teoria que foi desenvolvida pelo geólogo Sul-Africano Lester King (1956) que foi a teoria de pediplanação. Fez uma reinterpretação dessa teoria para fazer a adequação no Brasil, que passava por atrasos nos estudos porque o método davisiano estava incompatível com a realidade dos estudos brasileiros, que é presente de um clima tropical. Enquanto isso os trabalhos de geologia estavam mais acelerados e despontava (VITTE, 2011).

Uma das grandes contribuições de Ab'Sáber, foi quando fez a defesa de sua tese de doutorado em 1957 "Geomorfologia do Sítio de São Paulo", foi uma grande transformação para os estudos de relevo, portanto para o conhecimento geomorfológico no Brasil, uma mudança de paradigma conforme descrevemos. Foi uma mudança interpretativa, a qual abandonava aquela linhagem americana, para beneficiar da linhagem alemã, que foi mais adequada ao clima tropical. Nos estudos brasileiros, onde acreditava que um dos grandes agentes de formação do relevo são as forças exógenas, que como a teoria de pediplanação de King, acreditava que o meio era o principal transformador do relevo, mais nunca deixou de estudar também a relação da tectônica que também é um agente modelador do relevo da forma endógena.

Os estudos relacionados ao sítio de São Paulo deixam bem claro que as influências francesas em seu estudo, principalmente de Monbeig e Deffontaines. Um de seus trabalhos teve uma grande contribuição e influência na cidade, porque fazia uma leitura do relevo e da paisagem, usando aquela velha ideia de Monbeig de percorrer e entender a história do relevo, então tentava responder o porquê que acontecia a ocupação do determinado local, e como que o relevo definia essa

ocupação, esses estudos acabaram até mesmo contribuindo para a valorização de algumas áreas da cidade.

Com essas influências que recebeu, acontece um marco e sua consolidação como um grande geógrafo, que foi quando João José Bigarella em 1964, engenheiro químico, cria seu grande trabalho “Variações Climáticas no Quaternário e suas Implicações no Revestimento Florístico do Paraná”. Esse trabalho gerou fortes influências nos estudos geográficos. A partir dessa produção o pesquisador escreve dois grandes trabalhos, domínios morfoclimáticos do Brasil, e Refúgios e Redutos Florestais.

O trabalho de domínios morfoclimáticos (Figura 01) e fitogeográficos, no período do quaternário, se desenvolveram a partir de suas grandes observações críticas sobre a paisagem. Com a jovem colonização do Brasil, existem grandes áreas territoriais homogêneas. Isso porque um dos principais agentes modificadores do relevo, acontece devido à ação humana, que no Brasil, esse processo histórico está começando agora, comparando com o tempo geológico.



Figura 01: Domínios morfoclimático do Brasil. Fonte: Ab' Sáber (2003).

Nesse trabalho, o pesquisador faz um mapeamento do Brasil, o qual apresenta seis principais áreas e algumas características de cada domínio (Quadro 01). Sendo cinco poligonais e uma faixa de transição (AB'SÁBER 2003) de um domínio para outro.

DOMÍNIOS MORFOCLIMÁTICO DO BRASIL	
Domínio	Característica
01: Amazônico;	Terras baixas florestadas equatoriais
02: Cerrado;	Chapadões tropicais interiores com cerrados e florestas-galeria
03: Mares de morros;	Áreas mamelonares tropical-atlânticas florestadas
04: Caatingas;	Depressões intermontanas e interplanálticas semiáridas
05: Araucárias;	Planaltos subtropicais com araucárias
06: Pradarias;	Coxilhas Subtropicais com pradarias mistas
Faixa de transição	(Não diferenciadas)

Quadro 01: Domínios morfoclimático do Brasil – Fonte: Aziz Nacib Ab' Sáber (2003).

Essa estruturação da paisagem e das formas, se dá a partir de alguns principais pontos, como o solo; a vegetação; o relevo; clima e as condições hidrológicas. A tecnologia ainda não fazia parte da realidade, então era de extrema necessidade para fazer um mapeamento, numa pura observação e descrição crítica, para que pudesse chegar a um resultado próximo.

Compreende o relevo como uma unidade, uma forma homogênea, que apresenta traços históricos, que foram gerados pelo tempo e pelo homem, o principal modelador. Nas faixas de transição que está presente no mapeamento do pesquisador, pode acontecer de ter mais de duas unidades combinadas.

Considerações Finais

Diante do desenvolvimento das subdisciplinas ou áreas da Geografia Física, a Geomorfologia Geográfica tem deixado a sua característica *a priori* que seria os estudos processuais que levaria a compreensão da paisagem e dos processos naturais que formam as estruturas e as formas da natureza e consequentemente do relevo, e isso tudo se justifica pelo alto número de trabalhos publicados nas revistas de outras áreas do conhecimento por geógrafos e geólogos que se denominam geomorfólogos, entendendo a natureza e outros fenômenos a partir de um conhecimento estritamente especializado e com um alto índice de aprofundamento em áreas de estudos, perdendo a ideia e concepção de contexto e de totalidade da natureza e de seus processos cíclicos.

A importância de ressaltar a história do pensamento geográfico brasileiro e em especial da Geografia Física, a partir da Geomorfologia é um dos elementos que contribui *a priori* para a inquietação desta pesquisa. E consequentemente as lacunas na epistemologia da geografia física que ainda hoje apresenta no cenário da produção da geografia enquanto ciência no Brasil ainda com diversas lacunas. Neste sentido buscar a obra de um dos maiores Geógrafos brasileiro foi outro quesito que é necessário ressaltar, devido a sua importância para o conhecimento geográfico e principalmente para o campo da geomorfologia.

Agradecimentos

Agradecimentos ao projeto de pesquisa intitulado “Fundamentos Epistemológicos da Geografia Física” e a bolsa concedida pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC-UEG).

Referências

ABREU, Adilson Avansin de. **A teoria Geomorfológica e sua Edificação: Análise e Crítica**. Revista Brasileira de Geomorfologia, Ano 4, Nº 2 (2003) 51-67.

AB'SÁBER, Aziz Nacib. **Geomorfologia do sítio urbano de São Paulo**. 1956. 231f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1956. [Republicado no Boletim da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, São Paulo, n. 219, 1957. (Geografia, 12).

_____. **Os domínios de natureza no Brasil: potencialidades paisagísticas**. São Paulo: ateliê editorial, 2003.

_____. **O que é ser geógrafo**: memórias profissionais de Aziz Nacib Ab'Sáber. Rio de Janeiro: Record, 2007.

CASSETI, Valter. **Geomorfologia**. [S.l.]: [2005]. Disponível em: <<http://www.funape.org.br/geomorfologia/>>. Acesso em: 11/07/2017.

VITTE, Antonio Carlos. **A Construção da Geomorfologia no Brasil**. Revista Brasileira de Geomorfologia, v. 12, n. 3, p. 91-108. 2011.